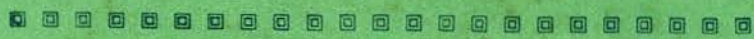




PORTUGAL



NA GUERRA

1917

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA
Director : AUGUSTO PINA

COLLABORAÇÃO LITTERARIA
de
ESCRITORES
PORTUGUEZES
E ESTRANGEIROS

ILLUSTRADA

com documentos photographicos
do SERVIÇO ESPECIAL
junto do

**Corpo Expedicionario
Portuguez em França**

e com a collaboração dos melhores
artistas portuguezes e estrangeiros

REDACÇÃO :

3, Rue de Villejust — PARIS

Agente Geral em Portugal

VICTOR MELLO

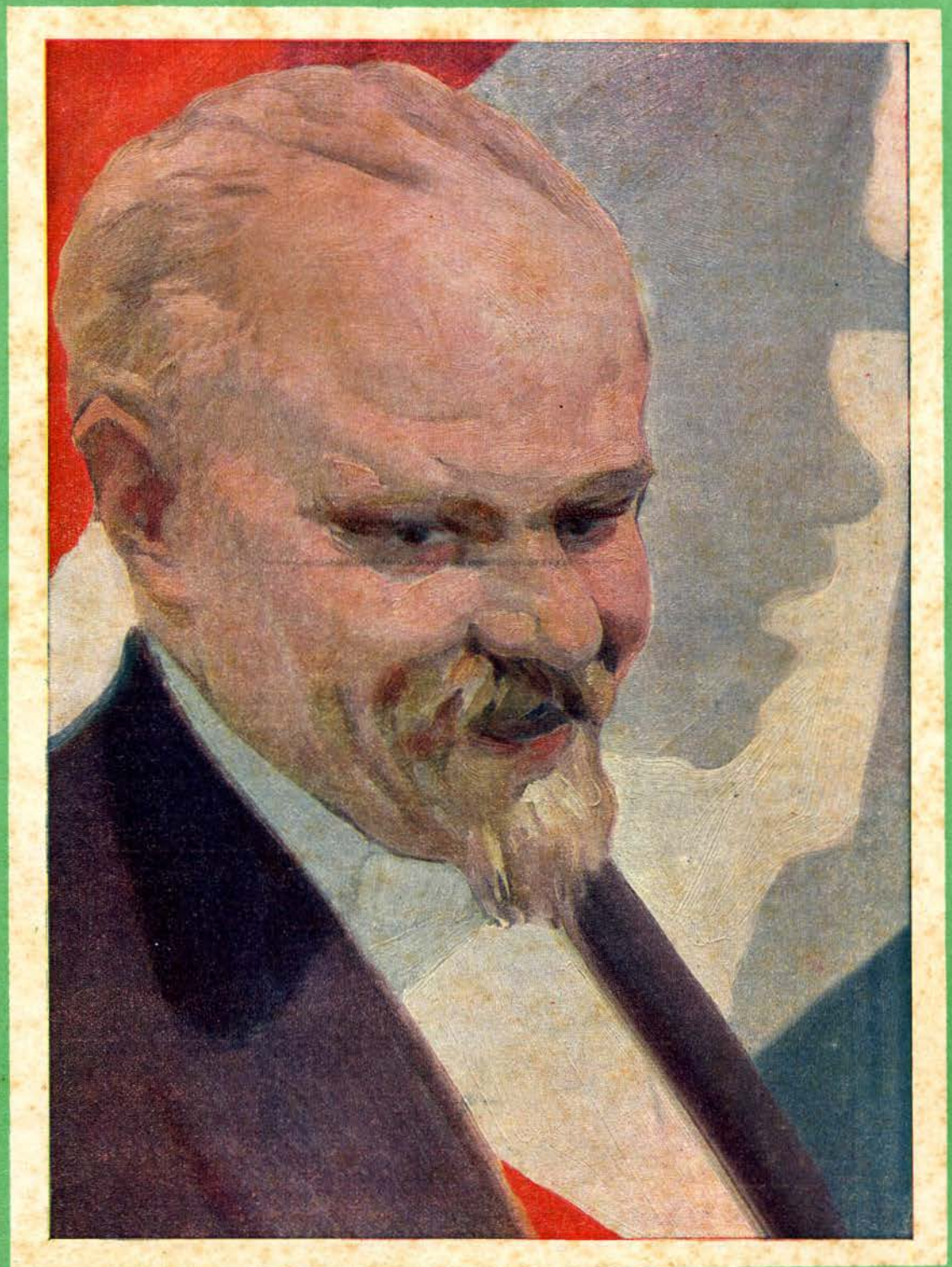
Rue Ivens 56 — 2º

:: LISBOA ::



Numero avulso : 30 centavos

Prix du Numéro : 1 franc



M. RAYMOND POINCARÉ
Presidente da Republica Franceza

PORTUGAL na GUERRA

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

:: DIRECTOR : AUGUSTO PINA ::

Secretario de Redacção : JOSÉ de FREITAS BRAGANÇA

:: Redacção : 3, Rue de Villejust - PARIS ::



COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MAIS
NOTAVEIS ESCRITORES PORTUGUEZES E
===== ESTRANGEIROS =====



CARTAS DAS PRINCIPAES CAPITAES DO
===== MUNDO =====



COLLABORAÇÃO ARTISTICA DOS MAIORES
===== ARTISTAS PORTUGUEZES =====



SERVIÇO PHOTOGRAPHICO ESPECIAL
JUNTO DAS TROPAS PORTUGUEZAS EM
FRANÇA A CARGO DE ARNALDO GARCEZ



CORRESPONDENTE PHOTOGRAPHICO EM
===== PORTUGAL : ALBERTO LIMA =====



ASSIGNATURAS PORTUGAL

Um anno (24 numeros) 6 \$ 30
Seis mezes (12 -) 3 \$ 30
Trez mezes (6 -) 1 \$ 80
NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS



ABONNEMENTS FRANCE

Un an (24 numeros) 21 fr.
Six mois (12 -) 11 fr.
Trois mois (6 -) 6 fr.
PRIX DU NUMERO : 1 FRANC



*Todos os pedidos d'assignatura para
Portugal devem ser dirigidos á*

**Agencia geral em Portugal
VICTOR MELLO**

Rua Ivens, 56 - 2º - LISBOA

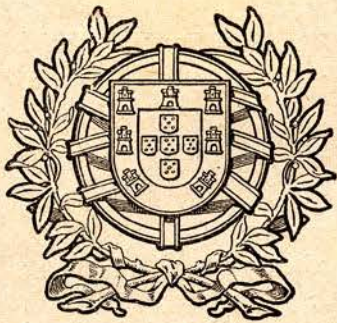


**Agencia para o Brazil
Casa A. MOURA
114, Rua da Quitanda
RIO DE JANEIRO**



PREÇO DA ASSIGNATURA

Um anno (24 numeros) 30 \$ 000
Seis mezes (12 -) 16 \$ 000
NUMERO AVULSO 1 \$ 500



PORTUGAL

..... NA GUERRA

1917

Nº 3

15 de Setembro de 1917

Anno 1º

Director : AUGUSTO PINA

O ACTUAL Presidente da Republica Franceza pertence a uma familia lorena que só na presente geração deu à França tres dos seus hcmens mais illustres.

Jurisconsulto, homem de letras, orador e estadista, a individualidade universal e grave do autor das *Idées Contemporaines* formou-se cedo e foi desde logo apreciada.

Aos 21 annos, licenciado em letras e doutor em direito, collocou-se no primeiro plano da advocacia parisiense como secretario da Conferencia dos Advogados.

Successivamente deputado, senador, ministro da instrucção e das finanças e n varios gabinetes, a sua eloquencia clara e firme, sobria e elegante, a honestidade dos seus processos politicos e o desassombro com que verberou os vicios parlamentares conquistaram-lhe depressa um prestigio incomparavel.

Como Presidente do conselho e ministro dos negocios estrangeiros, a sua politica progressiva e equidistante dos dois extremos, alliada á energia e á previdencia do seu governo, levaram-no á Presidencia da Republica num periodo em que se erguia no horizonte, mais ameçadora do que nunca, a nuvem negra da invasão prussianã.

M. Raymond Poincaré é desde 1909 um dos quarenta immortaes da Academia Franceza.

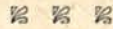


Photo. H. Manuel

M. RAYMOND POINCARÉ
Presidente da Republica Franceza.



A França e Portugal na Civilisação



O mundo moderno não conta hoje duas nações ás quaes tanto deva o que é como á França e a Portugal.

Collaborando através seculos e seculos, quer juntos quer separados, os dois povos, os primeiros que, em plena idade media, criam e affirmam a sua unidade nacional que desde então pode dizer-se inalteravel — estabeleceram entre si uma alliança espiritual, cimentada pelas vicissitudes das diferentes epochas sobre as mais fundas afinidades de raça, de cultura e de aspirações.

E assim como n'esta grande lueta a Inglaterra é o maior inimigo da Allemanha industrial e commercial, emquanto a França é o campeão do pensamento latino contra o pangermanismo, assim Portugal, o tradicional alliado da poderosa Rainha dos mares é o velho alliado de coração da França ideal e libertadora.

A attitude de Portugal perante esta guerra foi determinada tanto por aquella alliança politica como por esta, não menos verdadeira.

Ella é tão velha como o proprio Portugal, pois data de quando Raymundo de Borgonha, depois de pelear os sarracenos em ajuda dos portugalenses, se quiz ficar em meio d'estes. Desde então, que Affonso Henriques prosiga a esforço de seu pae, encetado por Pelayo, ou que Affonso o Bravo complete nas Navas de Tolosa a obra de Charles Martel em Poitiers; que o provençal traga a sua dogura á formação da lingua portugueza ou que as nossas trovas levem até Aragão o gosto de « cantar a la provencalesca »; que a *Chanson de Roland* ajude ao nascimento do nosso Romanceiro ou que Vasco de Lobeira ponha a correr mundo o *Amadis de Gaula*; que Americ d'Ebrard venha a Lisboa instruir o Principe Poeta ou que os Gouveias levem á França da Renascença o seu immenso saber que ha-de illustrar as gerações do grande seculo, que Descartes estude Pedro Nunes e Vernier lhe aproveite o engenho, ou que o pensamento de Pascal illumine Bernardes e Vieira; que Voltaire e Diderot, Hugo e Lamartine fecundem as ideias de Garrett e Herculano no exilio, nunca essa espontanea alliança deixou de produzir os melhores fructos.

*
**

Alliados do espirito, a obra d'esta alliança estende-se a dominios mais concretos e duma grandeza perduradora, que determinam a marcha da Humanidade.

Lançando a vista para o que o mundo moderno é, effectivamente, não só é impossível não pensar immediatamente n'estes dois povos, mas reconhece-se até, inevitavelmente, que a criação do mundo actual se lhes deve mais que a quaesquer outros. A maneira flagrante de o comprovar seria conceber o nosso seculo diminuido de tudo quanto a França e Portugal lhe trouxeram no decorrer dos outros seculos.

Que seria a estas horas o Mundo, confinado ainda ás margens do Mediterraneo e do Atlantico europeu? Que seria o espirito contemporaneo, sem o exemplo do emprehendimento dos nautas portuguezes, sem o alimento dos pensadores francezes do seculo XVII?

Não é facil concebê-lo, precisamente porque é um absurdo querer tirar da sociedade humana os seus dois elementos modernos mais fecundos. Mas pode presentir-se que então, até a obra mais bella dos outros povos coevos cahiria, por lhe faltarem as bases em que assenta.

Sem o genio inquieto de ambos — dos portuguezes arrojando-se nas vagas « nunca d'antes navegadas » do Mar Tenebroso, dos francezes devassando incessantemente as trevas do pensamento humano — que teria sido até esse grandioso movi-

mento da Renascença italiana, que teriam sido Galileu e Torricelli?

As ideias de Galileu (alias já enunciadas antes na velha Sorbonne, cerebro da França) presupõem o conhecimento da terra, são filhas do testemunho de Bartolomeu Dias e Fernão de Magalhães. Ficariam ainda essas estupendas flores da Arte, sem idade e sem par, as obras-primas de Leonardo, Raphael, de Miguel Angelo e do Ticiano. Mas esses levaram consigo o segredo das suas obras, deixando no mundo mais sequeoso ainda o ideal da perfeição.

Ao passo que os descobridores portuguezes, levados pela ancia da duvida, guiados pelo seu espirito humano, inquieto e affirmativo, não como aventureiros desvairados, mas como tenazes edificadores da sciencia do Cosmos, não como vagabundos sonhadores mas como homens sedentos de verdade e de conhecimento, arrancaram do Ignoto o Mundo e entregaram-no a toda a Humanidade, com a chave das suas maravilhas.

E' talvez porque a nossa immensa obra creadora passou logo a ser o patrimonio de todos, é talvez pela sua mesma universalidade que hoje a esquecem tão facilmente.

A obra da civilisação franceza é grande por esse character universal, o seu melhor titulo de gloria é tambem o interesse geral que ella apresenta.

A França tem sido o mais perfeito laboratorio de experiencias que, custando-lhe a ella ás vezes muito caro, aproveitam depois a toda a Humanidade. E' ella que tem forjado no seu seio, entre as maiores tormentas, as leis que depois governam no mundo. A sua litteratura, inspirada na eterna fonte da alma humana, é tambem a litteratura commum a todo o mundo.

A litteratura portugueza, que antes da franceza attingiu um desenvolvimento e uma individualisação completos, é uma vasta obra de perfeição e de belleza, toda repassada de ternura e de piedade; forte e digna, rica, delicada e espiritual, nascida de todos os bellos sentimentos humanos. Ella é talvez, de todas as litteraturas occidentaes, a mais enternecida e ao mesmo tempo a mais viril, a que encerra as paginas mais despedaçadoras e as mais entusiasticas, como as mais nobres e de maior consolação que as paixões tem feito brotar do coração humano.

E Camões, que os portuguezes consideram como o mais portuguez de todos os seus poetas, é tido por todos os povos como um dos genios universaes. E' que, como toda a litteratura portugueza, como toda a litteratura franceza, elle é essencialmente humano. Quando celebra os prodigios realizados por esse povo pequeno, que se assenhoreou do Mundo, por actos de valor moral e guerreiro muitas vezes superior aos dos maiores heroes da antiguidade, se é levado a dizerque elles fizeram « mais do que permittia a força humana » é unicamente para lhes enaltecer a qualidade de homens.

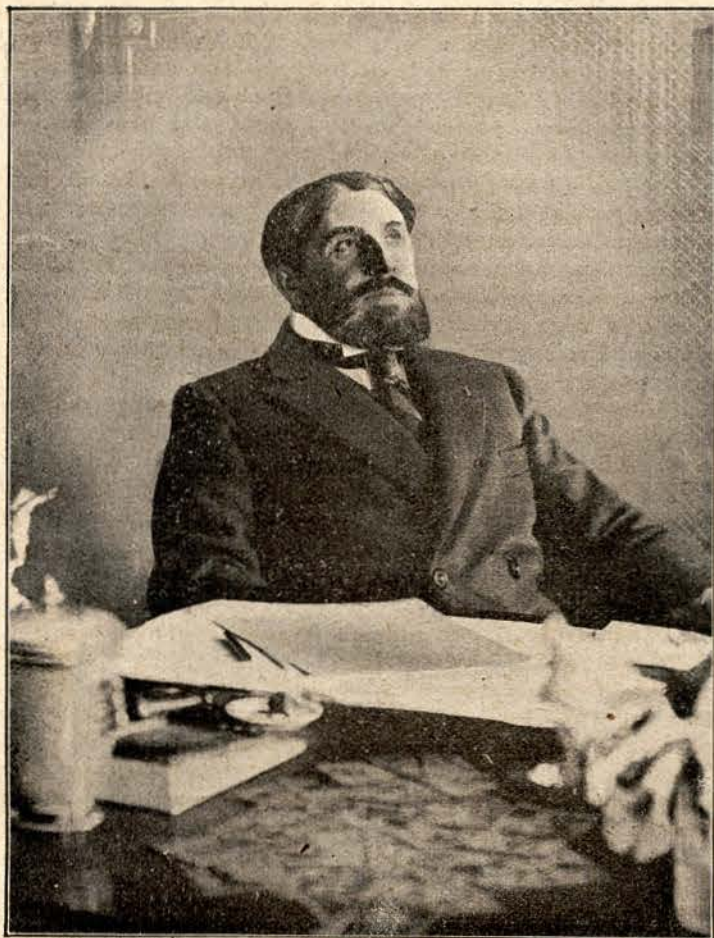
*
**

Nunca dum cerebro portuguez ou francez poderia sahir o ideal deshumano do Superhomem allemão, assim como, povos creadores por excellencia, o portuguez ou o francez se lembraram nunca de destruir brutalmente a civilisação para construir outra.

Foi preciso que dum povo cujo papel na historia é o de eternos barbaros invasores e assoladores, foi preciso que d'elle surgisse um Hegel, que as suas aberrações ideologicas achassem echo nos instinctos dos seus consanguineos, para que, mascarado por uma mentirosa exterioridade de progresso industrial e scientifico o cynismo Pangermanico tomasse o vulto assustador que ameaçava subverter o sentido da civilisação.

« Um povo que tem o poder de crear tem o direito de destruir » — diz um dos maiores poetas teutões dos ultimos tempos.

OS AMIGOS DE PORTUGAL



Paul ADAM

*Fort de son passé magnifique et glorieux,
de sa vigueur présente, le Portugal, après
la grande guerre de Droit Latin, sera le
médiateur distinct entre les Latins
d'Europe et ceux des Amériques en
partie civilisées, organisées (par le génie)
de ses Alvaes Cabral, de ses Nobres,
de ses Archevêques, de ses grands Hommes.
A son prestige, à son énergie, à l'union
de peuples Atlantiques et Latins donna
beaucoup de sa puissance qui
égale, dans l'ancien, le destinée du
Monde.*

*Paul Adam
Jun 17*

E sob essa forma que desvirtua uma phrase biblica do Apocalypse, dissimula-se toda a monstruosidade do apetite allemão. Embriagado por uma falsa ideia de si proprio, sentindo-se com ganas creadoras, lança-se na destruição. Aspirante a Superhomem, não tem consciencia de que querendo colocar-se *über alles*, acima de todos os homens, se põe fora da Humanidade. Essa energia nascente que em si sente escachoar não o leva a agir pelo espirito, mas pela força material e bruta.

Por isso esse povo é barbaro, apesar das suas universidades, dos seus laboratorios e dos seus sabios, que formam envenenadores e consciencias de reptis.

Outros povos se sentiram despertar e deram largas ás suas energias, e todos elles deixaram a sua obra, maior ou menor. Só os germanos não.

Quando Portugal se deitou a descobrir o globo, teve muitas vezes que o disputar á sanha dos selvagens. Nem as armas do Gama perante os cafres nem o peito de Fernão de Magalhães ante os tagalos das Philipinas desdenharam bater-se lealmente com taes inimigos, de homem para homem.

No periodo mais imperialista da nossa epopeia guerreira, Alfonso V guiava, gladio em punho, as suas numerosas hostes á batalha quando, nos campos de Castella, elle buscava occupar o visinho throno sem successor mais legitimo do que D. Juana sua esposa e nem por isso o valor do seu exercito sem igual o deixava esquecer a primazia do Direito, de que se prevalecia ao propor uma arbitragem pacifica, antes de começar a guerra que só a união dos principes hespanhoes conseguiu ganhar-lhe.

Albuquerque o Terrivel, o maior general do seu seculo, pôe-se mal com El-Rei « por amor dos Homens » e depois de morto veem adorá-lo no tumulo esses indios com quem elle batalhara. Se o imperio colonial portuguez foi conquistado pelas armas, não o foi menos pela grandeza de animo e pelas nobres qualidades que serão sempre o mais puro apanagio da Humanidade.

Antes que Mauricio de Saxe mostrasse aos inglezes, em plena batalha, a gentileza do soldado francez, dizendo: « Messieurs les Anglais, tirez les premiers », já os soldados portuguezes trajavam rendas e brocados e ensinavam aos rajahs da India o cavalheirismo luzitano.

A gloria militar que aureola os dois povos não os faz perder o ideal de liberdade humana, e antes que os voluntarios de Valmy carreguem á bayoneta gritando « Abaixo os tyranos », os portuguezes instituem na sua colonia do Brasil — reconhece-o Paul Adam — um communismo pratico.

A França sustentou contra a Austria guerras de hegemonia, de defeza e de equilibrio, como Portugal luctou sempre contra o absorvente imperialismo hespanhol, e o esforço das duas nações não foi baldado. O imperialismo parecia banido do mundo occidental. Foi preciso o advento da Allemanha para que esse monstro voltasse a ser o pesadelo humano.

Graças a ella tambem, o militarismo imperial attingiu nos nossos dias a colossal estatura dos monstros ante-diluvianos, esse estado gigantesco que a biologia nos mostra como precursor da desappareição da especie.

JOSE BRAGANCA.



M. PAINLEVÉ
Presidente do Conselho e Ministro da Guerra.

O Presidente do Ministerio Francez

O Snr. Painlevé, que acaba de organizar um gabinete reunindo varios partidos «mas que deve agir sem espirito de partido» é um grande homem de Estado que a guerra veio revelar.

A sua carreira politica, curta e recente, começa em 1910, com a sua eleição de deputado por Paris. Quando a questão Dreyfus agitou os espiritos em toda a França, o Snr. Painlevé sahio do dominio das abstracções mathematicas em que até então se mantivera, e collocando-se ao lado de Zola, bradou bem alto a sua indignação pelo Direito offendido.

Foi esse acontecimento que o tornou conhecido do grande publico, pois até ahi a carreira do actual presidente do conselho orientara-se num sentido bem differente.

Aos trinta annos, a obra de mathematico do Snr. Painlevé era já universalmente admirada e a Universidade de Stockolmo convidava-o a fazer, naquelle estabelecimento, um curso de allas mathematicas o qual, reunido mais tarde em volume, encerra a maior parte da sua obra original e de criação.

Professor da Faculdade de Sciencias de Paris e da Escola Polytechnica, a sua valiosa obra mereceu-lhe um *fauteuil* na Academia das Sciencias, de que é o membro mais novo.

Desde a sua entrada na Camara dos Deputados, como socialista independente, fez parte de importantes commissões, como a do Sufragio Universal, a da Guerra e a do Orçamento.

Reeleito em 1914, Briand, que elle atacara com a mais extrema violencia, chama-o para seu collaborador, entregando-lhe a pasta da Instrucção publica, na remodelação ministerial de outubro de 1915.

Em março d'este anno após a queda de Briand, o nome de Painlevé era indicado por uma grande parte da opinião franceza para lhe succeder. Finalmente, o gabinete foi organizado por Ribot que lhe confiou, no entanto a gerencia da guerra, onde o Snr. Painlevé pôde revelar-se, effectivamente, o grande politico da guerra de quem a França espera hoje immenso.

O Ministro da Republica Portugueza em Paris

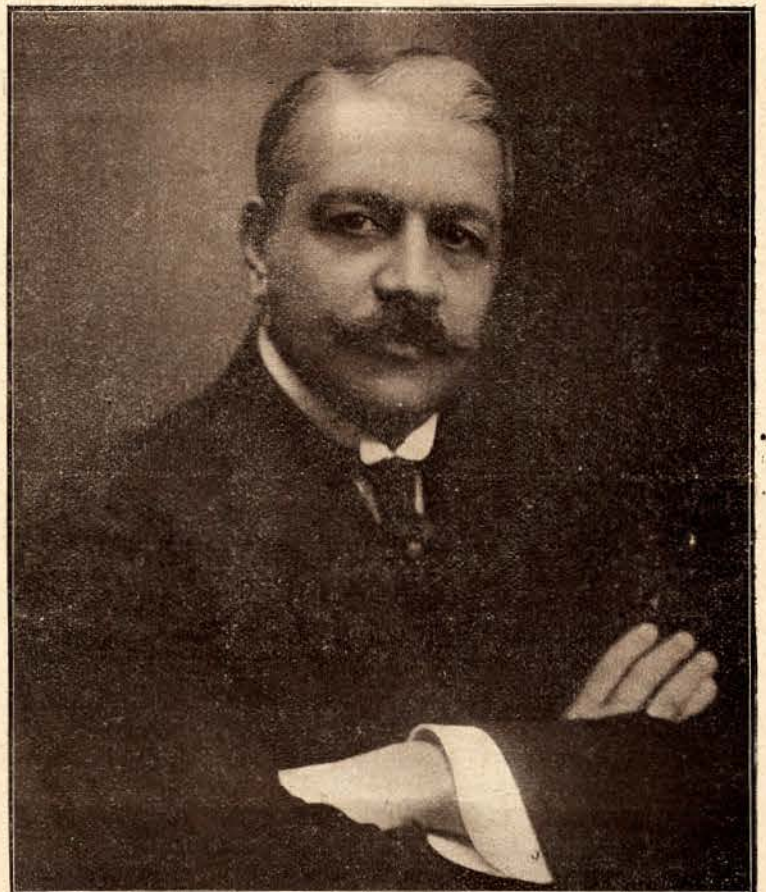
O homem verdadeiramente illustre, que é o ministro de Portugal em Paris não é apenas um dos mais eminentes homens de letras e um dos mais insignes diplomatas do seu paiz: é, acima de tudo, um grande portuguez.

Ao serviço da sua patria, ele poz sempre convicções inabalaveis, fê sem limites, audacia sem desfalecimentos. Revolucionario, este aristocrata de espirito soube imprimir constantemente á sua vida de acção o prestigio do ideal e da beleza. Acima de tudo, um maravilhoso, um alto temperamento de artista, a politica apaixonou-o, como uma grande arena de combate e uma grande obra de liberdade. Combateu sem transigencias, quasi sempre só. Combateu pelo povo, sem descer ao povo. A intrepidez e a independencia foram a lei da sua vida. Quasi vinte annos passou-os João Chagas no exilio, nas prisões, atravez d'um longo sudario de condemnações politicas. Nunca ninguem o viu temer um adversario ou lisongear um amigo. Na vespera d'uma revolução, denunciava-se temerariamente como implicado n'essa revolução. Ministro de Portugal em Paris, deante d'um governo que não representa os seus principios republicanos, atira a sua situação diplomatica pela janela fora, como quem atira a ponta d'um cigarro, n'um gesto que é uma lição de beleza e de mocidade.

Esse insubmisso, no nobre sentido moral da palavra, que é ainda hoje o primeiro jornalista portuguez e um dos mais eminentes, claros, sobrios e sugestivos prosadores da sua lingua, é, na sua obra d'arte como na sua obra politica, como na sua obra diplomatica, um coherente. Coherente comsigo proprio, porque nunca buscou nem aceitou outra coherencia, a sua individualidade é uma permanente afirmativa de coragem, de inteligencia e de allivez.

Tal é João Chagas, a grande figura, de qualidades de distincção e raça tão primorosamente latinas, que representa e ilustra, com o grande prestigio d'uma situação pessoal excepcional, a Republica Portugueza, na grande capital da França, patria do mundo.

A. DE C.



O Snr. JOÃO CHAGAS
Ministro da Republica Portugueza em Paris.



Ferreira da Costa pintil

O GENERAL FERNANDO TAMAGNINI
COMMANDANTE DO CORPO EXPEDICIONARIO PORTUGUEZ EM FRANÇA

O Presidente do Ministerio Portuguez

Concluidos os seus estudos de direito na Universidade em que logo depois entra como professor, apoz um concurso brillantissimo, o snr. Dr. Affonso Costa lança-se então de corpo e alma na propaganda republicana. Já a revolta do Porto o contava entre os seus instigadores, ao lado de José Falcão, mas é sobretudo n'essa campanha nacional de grandes comicios e conferencias que a sua palavra contundente e precisa, a sua eloquencia clara e objectiva produzem o fructo da Revolução em breve amadurecido.

Eleito deputado republicano pelo Porto em 1900, no Parlamento mostrou, ao discutir-se o projecto da reforma constitucional, com toda a audacia e desassombro, qual era o unico caminho a seguir para a reconstituição nacional — o da Republica.

Nomeado ministro da Justiça do Governo Provisorio, o demolidor extrenuo transforma-se subitamente no mais energico e prompto executor das leis pombalinas, e no espaço de menos de um anno, á custa dum trabalho colossal, consegue assentar sobre novas bases a condição civil da sociedade portuguesa.

Uma vez levada a cabo esta obra de reforma, o snr. Dr. Affonso Costa volta-se para o lado critico da vida Portuguesa, isto é, do problema de que depende acima de tudo a reconstituição do paiz — a sua situação economica e financeira.

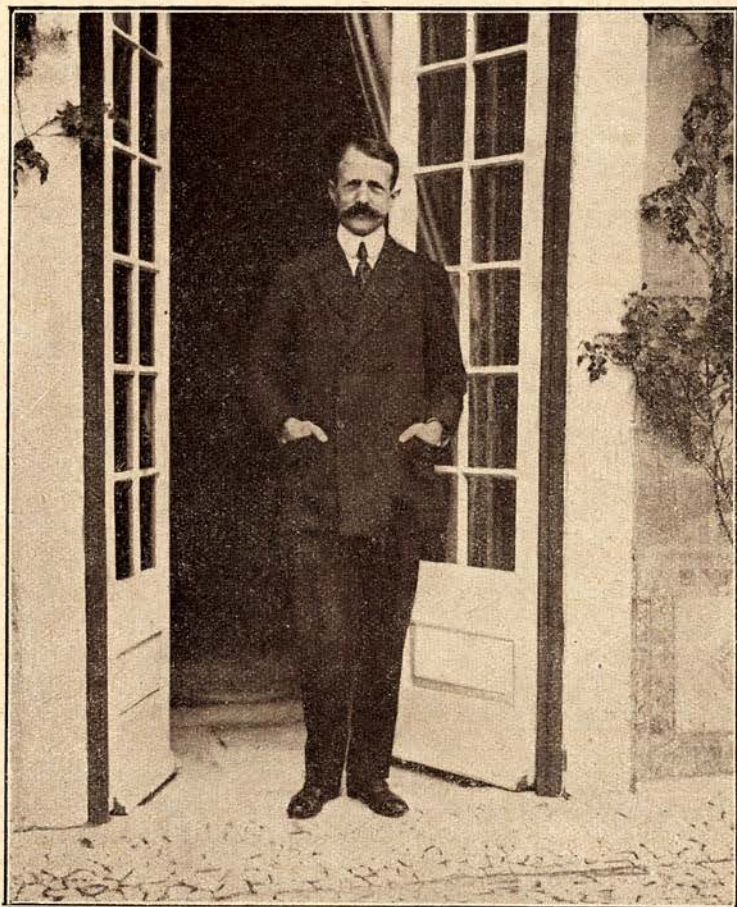
O politico ousado e firme que o snr. Dr. Affonso Costa se revelara logo se patenteia um grande conhecedor da finança e um administrador habil como ninguem se atrevera a suppo-lo.

Com o seu orçamento de 1913 obtem um *superhavit* num paiz habilitado a ver-se esmagado por *deficits* crescentes.

Chefe do partido democratico, o snr. Dr. Affonso Costa foi desde o primeiro momento o mais fervoroso partidario da collaboração activa de Portugal na grande guerra pela Civilização. Ministro das Finanças do gabinete chamado da « União Sagrada » constituído apoz a revolução de 14 de Maio e actualmente Presidente do conselho, elle effectivou o anhelado do povo portuguez que hoje se está batendo, ao lado dos Alliados.



O Snr. Dr. AFFONSO COSTA
Presidente do Conselho e Ministro das Finanças.



M. EMILE DAESCHNER
Ministro da Republica Franceza em Lisboa.

O Ministro da Republica Franceza em Lisboa

Mr. Emile Daeschner encetou a sua carreira diplomatica em 1887, por um concurso do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

Enviado a Londres como 2º secretario da Embaixada de França em 1898 e pouco tempo depois elevado a 1º secretario, nesta qualidade tomou uma parte activa nos trabalhos preparatorios dos accordos franco-ingleses de 1904.

Em Junho de 1905 era chamado a Paris, para assumir as funcções de chefe do gabinete do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, na epoca delicada e difficil do 1º conflito marroquino entre a França e a Allemanha, os dois ministros Rouvier e Bourgeois tiveram n'elle um orientador esclarecidissimo.

Conselheiro da Embaixada de França em Madrid em Setembro de 1906, em 1908 voltou á Embaixada de Londres no desempenho das mesmas funcções. Ao rebentar o incidente dos « desertores de Casablanca », era encarregado dos negocios da França em Londres, e em Julho do anno seguinte os seus excellentes serviços eram recompensados com a sua nomeação ao grau de Ministro Plenipotenciario.

Quando Mr. Raymond Poincaré tomou a presidencia do conselho e a gerencia dos negocios estrangeiros, em Janeiro de 1912, escolheu para seu chefe de gabinete o diplomata distincto que era já o actual ministro da França em Lisboa, e nessa qualidade collaborou no accordo franco-hespanhol de 1912. Acompanhou á Russia Mr. Poincaré na sua viagem de que resultou o estreitamento da alliança.

Finalmente, quando rebentou a Guerra dos Balkans, elle participou activamente nas importantes negociações que então se travaram entre as chancelarias.

Pouco depois da eleição de Mr. Poincaré para Presidente da Republica, Mr. Daeschner era nomeado, em Abril de 1913, Ministro Plenipotenciario e Enviado Especial da França em Lisboa, onde desde então tem contribuido immenso ao estreitamento das relações que unem Portugal á França.

OS PORTUGUEZES NA GUERRA

Pelo Capitão X...

JOSE MARIA FOLGADINHO

"Lanzudo" da Grande Guerra

JOSÉ Maria Folgadinho é da comarca d'Arganil, como podia ser de Freixo de Espada á Cinta ou de Villa Real de Santo Antonio. Não fez para isso a menor diligencia. Cahiu nas sortes, foi para o regimento, andou lá uns mezes na instrucção e, quando tinha aprendido algumas artes militares e varias artimanhas de caserna, licenciaram-no. Na aldeia fallava-se em que iam portuguezes para a guerra, fallava-se em que não iam, o Folgadinho, esse, depois de ter fallado uns tempos com a Gertrudes, fallava com a menina Rosaria, quando de repente, ordem de mobilisação e partida. Pegou n'um sacco de retalhos, mettuu pés ao caminho, chegou tarde, deram-lhe uma porção de equipamentos, enfiaram-no n'um comboio, elle dormiu e chegou a Lisboa, que, como o heroe do Snr. Thomaz Ribeiro, elle nunca tinha visto. Tambem lh'a não deixaram vêr, porque o puzeram a bordo d'um grande navio e este abalou. Folgadinho, pouco maritimo, enjôou como um catita, dormiu duas noites com um bolo rei de lona enfiado ao pescoço e começou a achar que fazia frio. Cada vez se foi installando mais n'esta opinião, até que o barco chegou a um porto.

— « Isto é que é a França, meu sargento? » perguntou elle ao seu « primeiro ». — « E' » respondeu este muito aborrecido.

A França estava feia. Fazia cada vez mais frio. Sobre a cidade cahia neve e Folgadinho não tinha trazido guardachuva. Escusado será dizer que ficou que nem uma sopa ao som da *Portuguesa*. Para variar um pouco de meios de transporte, metteram-no n'outro comboio. Este levou tres dias a parar em todas as estações e foi n'essa viagem tormentosa, sob rajadas de neve, que Folgadinho soube que a carne de vacca, mettida em latas, se chamava *corned beef* e que ha uma gente que se entretém a metter vinagre, cebolas e mostarda dentro de frascos a que chamam depois *pickles*. Elle, que no regimento estava habituado ao feijão, á couve, á batata, á boa *lôra* de carne fresca, não percebeu a graça que tudo aquillo podia ter. Um dia o tal comboio parou e com uma guelha compridissima, uma barba de oito dias, sujo como um limpa-chaminés, o equipamento ás tres pancadas, os ossos n'um feixe, José Maria Folgadinho fez a sua entrada n'uma pequenina cidade onde ha muitos annos, n'uma guerra que durou cem, tambem vieram portuguezes sob o commando de um infante. Sahiu muita gente a vêr as tropas.

— *Qu'est-ce que c'est que ça?* perguntava na Grande Place a menina do oculista á esposa do relojoeiro. *Ce doit-être des Russes?*...

— *Mais non! Ce sont des Portugais!* explicava aquelle *embusqué* de secretario da *Mairie*.

— *Ah! Eh bien! ils n'ont pas l'air gai!*

O céu estava triste, Folgadinho batia o queixo; mas, apenas as portas e as janellas se enfeitaram do Eterno Feminino de nariz vermelho e frieiras, Folgadinho, heroe d'uma raça de femieiros e de atiradiços, arrebitou a orelha, começou a piscar o olho, a deitar a lingua de fóra, a dizer adeus. Prompto. Os portuguezes já estavam *gais*.

Deixou-se para trás a pequena cidade, atravessaram-se aldeias, até que chegou uma onde tudo aquillo parou. Começaram muitos cavallos a correr com officiaes em cima, gente a gritar: — « A primeira para aqui... Meia volta... A' esquerda rodar ». Um sargento dizia: — « Aqui vinte homens », etc., até que Folgadinho entrou n'um pateo d'uma pequena herdade, apontaram-lhe um palheiro e era alli.

Tirou a *tralha* de cima das banhas, estendeu os braços, mediu a palha com a vista, deitou-se e dormiu.

No fim de tres dias estava como em sua casa. Tinha dado uma volta á aldeia, espreitado para dentro das casas. Visto muitos santos pendurados, um chão de tijolo muito limpo, uns fogões muito reluzentes e caras de boa gente: velhotas de cabellos brancos com uma coifa de canudos, raparigas palidamente louras de cabellos escorridos e sapatos rasos. Passavam velhos montados á amazona em grandes cavallos brancos de lavoura e

José Maria Folgadinho, como tocava ao rancho quatro vezes ao dia, havia vinho e chá, concluiu que quando fizesse menos frio, aquillo não seria tão feio como o tinham pintado.

Deram-lhe uma capa de borracha. Em compensação o sacco de ramagens ficára lá para os sitios do vapor. Como estavam em maré de dar, deram-lhe alguma cousa de instrucção para ir tomando o gosto.

Folgadinho, á tarde, ou escrevia á familia ou ia para os *estaminels*. A primeira vez que entrou n'um, estavam lá varios inglezes, soldados e cabos, bebendo uma cousa amarella. Que diabo seria aquillo? Folgadinho pediu tambem. Era amargo e tinha um sabor exquisito. Era cerveja, a quasi unica bebida da região. Tambem não lhe cheirou a lombo, mas enfim... O difficil para qualquer outro seria entender-se e fazer-se perceber. Folgadinho, que já foi á India n'outros tempos, aprendeu a fallar o francez em tres horas. O dinheiro tambem não tem nada que saber. Aquelles papeis muito sujos são dois tostões. Os outros mais sujos ainda são um tostão. Os mais limpos são dez tostões os vintens são um vintem e os dez reis são dez reis. *Mameselle* um copo de *biere*; dois *sous*, um vintem. *Madame*, um *pain*, outros dois *sous*. Os bilhetes postaes illustrados: tres *sous*, e assim successivamente. Como lhe perguntavam a elle: *Avez vous compris?* elle pergunta tambem: — *Compris?* quando o não entendem e, se a confusão chega ao cumulo, encolhe os hombros com um profundo desdem por aquella gente que não sabe fallar o francez d'elle e despede-se: — *Non compris*.

Como é reinadio e mais patusco do que os inglezes que por alli andavam ha tres annos, Folgadinho é *sympathico*. O que elle é, é malandro. Escangalha as bombas, passa por onde não deve passar, suja e não limpa, mas é *sympathico* e gostam d'elle. Até estimam que elle estrague para poderem fazer reclamações ao *mair*e e pedir duzentos francos por um pé de salsa pisado.

De repente, uma bella tarde, Folgadinho soube que a nove kilometros se tirava o retrato por um franco. Elle ahi vai a unhas de cavallo... Depois das fundições de canhões, quem tem ganho mais dinheiro com a guerra, são os photographos da zona onde acantona o Folgadinho. Já sabem a posição: em sentido, a mão direita descuidosamente pousada sobre uma peanha onde floresce um mangerico de papelão. Quando combina tirar em grupo com alguns camaradões, então o caso mette o mais analpha-



beto a fingir que lê um jornal do departamento, outro com uma garrafa na mão, o terceiro empunhando um copo, o quarto finalmente de sabre desembainhado. Depois manda isso para Portugal ao compadre Joaquim, á menina Rosaria recommendando-lhe que não falle com o Manuel Victorino, ao genro do Thomaz Gaiteiro e a toda a gente lá do sitio para que se saiba a cara com que elle está na guerra.

Já vae comendo nos *pickles* e na marmelada como se tivesse nascido para isso. O que o distrae muito são os aeroplanos. Cada

dia passam quarenta e elle vê todos. Ensinam-lhe esgrima de baioneta e, para o treinar em marchas, mandam-no passear com a mobília ás costas, tres vezes por semana, quer chova quer faça sol, durante uma boa duzia de kilometros. Folgadinho passa a vida a mandar as botas para o concerto e a dar cabo das alpercatas.

Um bello dia chega a ordem de ir para instrucção ás trincheiras. Momento de commoção. Os officiaes passam graves, com mapas na mão, a dizerem historias uns aos outros. No dia seguinte abala-se. Até ás *trinchas* são uns cincoenta kilometros e faz-se a marcha em dois dias. No fim do primeiro, Folgadinho começa a vê casas arrasadas e dorme n'um telheiro que não tem telha. Ouve-se o tróar do canhão ao longe e Folgadinho, sentado dentro do capacete de aço, continua a olhar para o céu, a vêr muitos aeroplanos. Só vem a rapaziada da companhia, mais o *nosso* capitão, o *nosso* tenente, os *nosso*s sargentos. Um *pic-nic* em familia!

Agora o tempo está lindo. Em quinze dias toda a terra acordou, brotaram as cearas, vestiram-se de flor as macieiras, as sebes enfeitaram-se, desabrocharam os lilazes e os campos lindamente tratados por velhos e mulheres, são o encanto e a alegria dos *nosso*s olhos. Vae a entrar o Maio e Folgadinho não espera pelo Agosto para suar por todos os poros. Agora está lavado, barbeia-se de vez em quando, comprou uma boquilha para fumar os cigarros da ração e já vae arranhando o seu bocado de inglez. Quando acaba de escorrer a ultima pinga de sopa nunca se esquece de dizer: *Finish!*

Na manhã do segundo dia rompe-se a marcha sem cornetas e, depois do alto do almoço, a companhia divide-se em grupos. Entra-se na zona em que a cautela não é desnecessaria. Folgadinho sabe que, da vez que veiu uma companhia de outro batalhão que tirava o retrato no mesmo photographo, ficaram cá dois e isso dá-lhe um bocado que pensar.

O canhão ouve-se mais perto e lá longe, em volta de um aeroplano que mal se vê, estalam umas nuvensinhas brancas. E' um *boche* que vinha vêr onde estava o Folgadinho.

A tarde chega-se a uma aldeia onde ha ingleses em barda. Mettem o *nosso* amigo com outros dentro d'um palheiro cheio de camaradas britanicos e a primeira cousa que o Folgadinho faz é vêr se consegue comprar um canivete de campanha a um inglez, intrujando-o e dizendo-lhe que um tostão de nickel portuquez vale um franco francez. O inglez acredita e Folgadinho já tem navalha para destapar os frascos de conserva, não contando com a lusitana satisfação de ter embrulhado o seu proximo, batendo-lhe no hombro e perguntando: — *Camarade! Compris? Yess?*

O outro só ha-de comprehender quando mais tarde em qualquer cidadeca fôr trocar o dinheiro.

Folgadinho passa essa noite um pouco sobresaltado com baterias que estoiram perto, que, quando uma pessoa vae a olhar para dentro, ribombam, abalam a casa de cada um e levam n'isto horas sem fim. Por fim consegue adormecer e, ao acordar,

vendo os ingleses barbear-se, ensaboar-se, arregaçar até ao sovacos as mangas da camisa *kaki*, abrir depois a risca do cabello, Folgadinho, lanzudo, com a barba por fazer, pensa no seu sacco que ficou para trás, no unico barbeiro do pelotão que baixou ao hospital, em varias cousas emfim, até que um sargento inglez lhe faz um gesto dizendo: — *Came on!* e o leva até uma arrecadação onde lhe confia um grande sacco cheio de latas, o almoço do seu alojamento.

O dia passa e Folgadinho vae vêr os ingleses fazerem exercicio. Sente-se *touriste* e *mirone* e pára defronte d'uma grande casa de madeira dentro da qual se ouve tocar piano. Avança até á porta e vê ao fundo o balcão de uma cantina, onde ha tudo o que um soldado pode precisar, do lado opposto um palcoje, pelo meio do grande casarão, mezas compridas onde os *camones* — como elle lhes chama — escrevem, lêem illustrações, fumam cachimbo e escutam um enfermeiro de oculos, que, martellando as téclas d'um Erard de terceira qualidade, traufcia desafinadamente: *It's a long way to Tipperary*. Folgadinho sente-se

feliz encosta-se ao piano e, quando o inglez se calla, elle avança um dedo, toca em tres notas ao acaso e lança a meia voz:

O' amendoeira!
Que é da tua rama?

A vida seria boa se não viesse a ordem de formar. A companhia vae partir para as *trinchas*. Começam a dividil-a em pequenos grupos. A estrada é comprida e direita.

De subito lá ao alto ha um grande estoiro e terra que vóa pelo ar e fumo que se enrodilha. Folgadinho avança o nariz fóra da fôrma. Máu! Que foi aquillo? Uma granada que veiu de lá. Folgadinho não acha graça e a saliva seca-se-lhe um pouco. Uma voz:

— « Quatro á direita, volver... Marché!... » e elle lá vae em direcção ao ponto onde segunda e terceira granadas acabam de cahir. Toma-se, porem, por um campo, por detrás d'umas arvores e Folgadinho sente-se mais feliz. Apanha-se outra estrada onde, á luz do crepusculo, passam carros de reabastecimento e grupos de ingleses que regressam, arma em bandoleira, capacete no braço, cigarro na bocca. Andam-se dois ou tres kilometros, cortam-se caminhos, deixam-se ficar para trás herdades de que restam apenas paredes, pisam-se linhas de wagonetes, as estrellas começam a aparecer, até que de repente, junto d'uma taboleta, onde letras brancas resaltam do fundo preto, aparece uma passadeira de madeira, meio metro de largo, se tanto. Essa passadeira vae-se mettendo pelo chão abaixo até se enterrar entre dois taludes revestidos de saccoes cheios de terra ou de rede de arame esticada sobre estacas.

Os homens já não cabem senão a um de fundo. As marmitas, todos os accessorios da *mobília* de um soldado esbarram nas esquinas brucas d'aquella becco que não consegue andar dez metros na mesma direcção.

José Maria Folgadinho, *lanzudo* da Grande Guerra, está pela primeira vez nas *trinchas*.



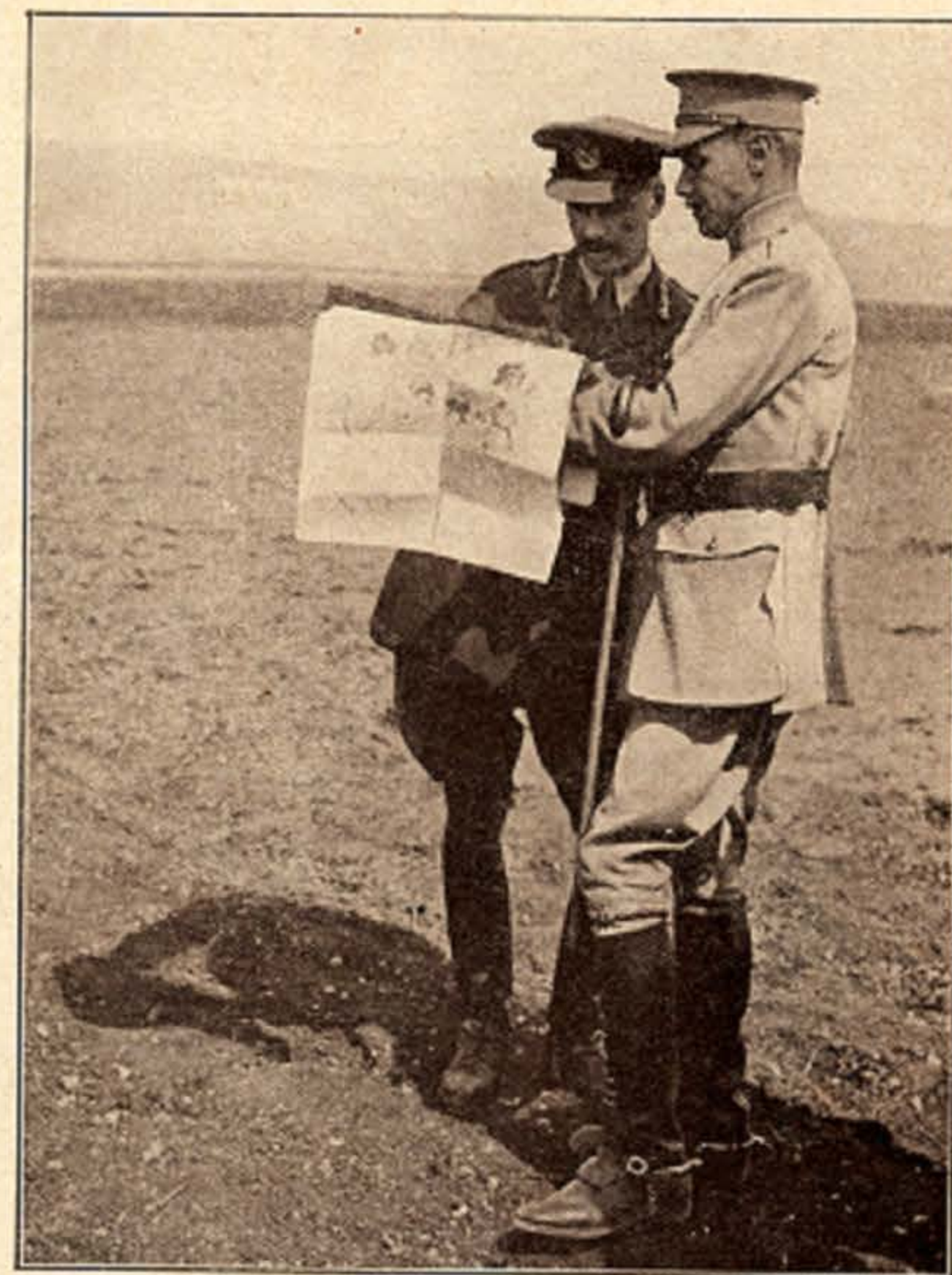
Pelo S. João, os soldados portuquezes improvisam uma romaria.



General GOMES da COSTA, Commandante da 1ª Divisão do C. E. P.
Le Général GOMES da COSTA, Commandant la 1^{re} Division du C.E.P.



No sector Português. Revista a tropas que partem para a linha de fogo.
Dans le secteur Portugais. Revue de troupes avant de partir pour la ligne de feu.



O Tenente-coronel ROBERTO BAPTISTA, Chefe do Estado Maior Português.
Le Lieutenant-colonel ROBERTO BAPTISTA, Chef de l'Etat-Major Portugais.



Artilharia de campanha numa estrada de Flandres.
Artillerie de campagne sur une route de Flandre.



Morteiros de trincheira, num campo próximo da frente.
Mortiers de tranchée, dans un camp à proximité du front.

O COMITÉ FRANCE-PORTUGAL

O « Comité France-Portugal » foi creado em Paris em 14 de Novembro de 1916, sob o patrocínio do Sr. Ministro de Portugal em França, por um grupo de intellectuaes e economistas francezes e com o appoio de eminentes homens politicos e professores da Universidade.

O presidente é M. Paul Deschanel, presidente da Camara dos Deputados e Membro da Academia Franceza e as suas tres secções (intellectual, turistica e economica) são respectivamente presididas por tres vice-presidentes : MM. Paul Appell, o celebre mathematico, decano da Faculdade de Sciencias de Paris; Ernest Meyer, conselheiro de Estado, e membro do Touring-Club de França; e Yves Guyot, o abalisado economista, antigo ministro e redactor em chefe do *Journal des Économistes*. O secretario geral é M. Ernest Martinenche, o crudito e brilhante cultor de estudos hispanicos, professor da Sorbonne e o thesoureiro é M. Siegfried Propper, banqueiro.

Uma commissão permanente presidida por M. Jules Godin, senador e antigo ministro, funciona regularmente em nome da secção economica, tendo como secretario M. Angel Marvaud, um dos mais distinctos discipulos de Le Play e autor do proficiente estudo *Le Portugal et ses Colonies*. O secretario a secção de turismo é M. Henry Martinet



M. PAUL DESCHANEL, Presidente do "Comité".

e o da secção universitaria M. Martinenche.

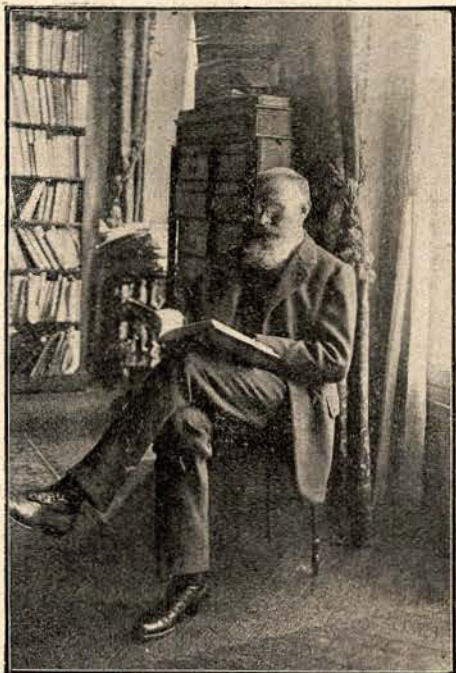
O Comité France-Portugal procurou reunir as personalidades francezas que, pela sua notoriedade e competencia, podem contribuir efficazmente a sellar uma união duradoira entre os dois paizes tanto sob o ponto de vista intellectual como sob os pontos de vista economico e turistico.

Sob o ponto de vista intellectual, propõe-se ornar conhecidas em França as obras-primas da arte e da litteratura Portuguezas; estuda os meios de difundir o conhecimento da lingua portugueza e de a introduzir no ensino publico; e põe-se á disposiçao dos meios cultivados de Portugal que desejem favorecer o desenvolvimento da civilisação franceza.

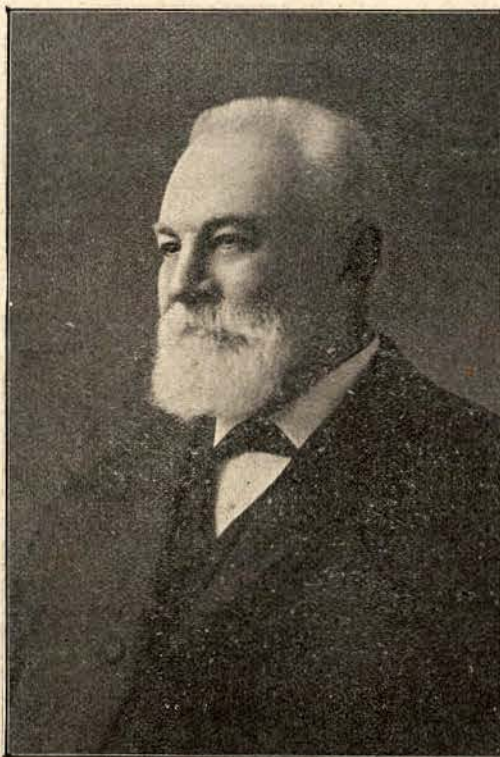
Sob o ponto de vista de turismo, procura alimentar entre os dois paizes uma corrente reciproca de visitantes, tornando conhecidos, de parte a parte, os thesouros artisticos e pittorescos de cada um d'elles.

Finalmente sob o ponto de vista economico, esforça-se por facilitar as operações de permuta de artigos entre a França e Portugal, cujas produções se completarão cada vez

mais harmoniosamente á medida que os negociantes dos dois paizes tiverem, sobre as possibilidades que se offecerem ás suas empresas, os esclarecimentos seguros que o Comité ha-de fornecer em abundancia.



M. PAUL APPELL
Presidente da Secção Intellectual



M. YVES GUYOT
Presidente da Secção Economica.



M. ERNEST MEYER
Presidente da Secção de Turismo.



M. ERNEST MARTINENCHE
Secretario Geral.



M. MAXIMILIEN DOUAU
Relator da Comissão Permanente.



M. ANGEL MARVAUD
Secretario da Comissão Permanente.

Vê-se por esta succinta enunciação que a actividade tão variada da nova agremiação se inspira ao mesmo tempo no legitimo desejo de ajudar a França a consolidar lá fora o seu posto intellectual e commercial e da mais sincera sympathia por tudo quanto possa auxiliar o desenvolvimento economico e o engrandecimento moral do povo portuguez.

Em cada um destes tres dominios o papel do Comité é duplo. Por um lado, os seus membros mais competentes elaboram a solução dos problemas apresentados nos relatorios que serão publicados muito brevemente. Assim é que Mr. Ernest Meyer passou em revista os meios praticos da propaganda pelo turismo; que M. Maximilien Douau elucidou a questão das sobretaxas de Entrepósito que attingem, nos portos francezes, os cacaos que não veem directamente das colonias portuguezas e que Mr. Henry Martinet traçou um esboço claro do actual estado economico de Portugal.

Mas a actividade do *Comité France-Portugal* não se limita a isto.

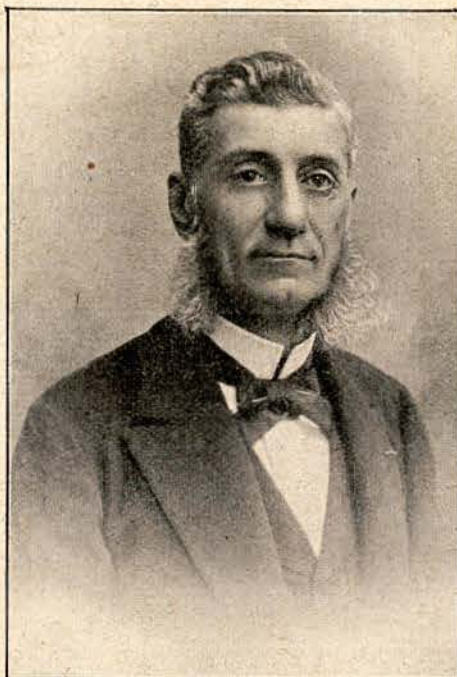
Longe de se contentar com ser um simples observatorio onde se estudem theoreticamente os problemas luso-francezes de toda a ordem, elle preoccupa-se igualmente de maneira mais efficaç, com as suas realisações praticas.

N'essa ordem de ideias, apresentou aos ministros competentes o voto para que se supprimas provisoriamente as mencionadas sobretaxas de entreposto e para que se introduza o estudo de portuguez nos estabelecimentos de ensino secundario e profissional.

Por intermedio do representante da Republica Portugueza em Paris, tem instado junto do Governo Portuguez, fazendo-se interprete de todos os que desejam ver constituir-se promptamente em Paris uma Camara de Commercio Portuguez e um Officio Portuguez.

Em summa, propõe-se ser o orgão natural de todos os que querem assegurar por todos os meios a approximação intellectual e economica das duas Republicas da Europa Occidental.

A mesma tarefa util e desinteressada será realisada em Lisboa pelo « Comité Portugal-França » que acaba de se constituir sobre bases analogas ás do Comité de



M. JULES GODIN
Presidente da Comissão Permanente



M. HENRY MARTINET
Secretario da secção de Turismo.

Paris. Aquelle comité escolheu para presidentes de honra o grande poeta Guerra Junqueiro e o sr. Emile Daeschner, Ministro de França em Lisboa e para secretario geral o Sr. Dr. Magalhães Lima, cujo nome é um symbolo de actividade, dedicação e valorosa generosidade.

Fazem parte d'este comité, ao qual trazem a sua alta competencia nas diferentes especialidades, os sns. drs. Almeida Lima, antigo ministro da Instrucção e professor da Universidade; Anselmo de Andrade, o grande economista e financeiro, cujos trabalhos são bem conhecidos em França e Anselmo Braamcamp Freire o erudito historiographo, que presidiu a Assembleia Constituinte da Republica.

E' indubitavel que dos esforços combinados d'estas duas agremiações tão dignamente representadas ha-de nascer e consolidar-se depressa entre os dois povos irmãos que com equal heroismo vertem hoje o seu sangue pela mesma causa, nos mesmos campos de batalha, uma união profunda e duradoira.

A formação do « Comité France-Portugal » foi annunciada por toda a imprensa parisiense, que com esse ensejo dirigiu ao nosso paiz palavras da maior sympathia e fraternidade.

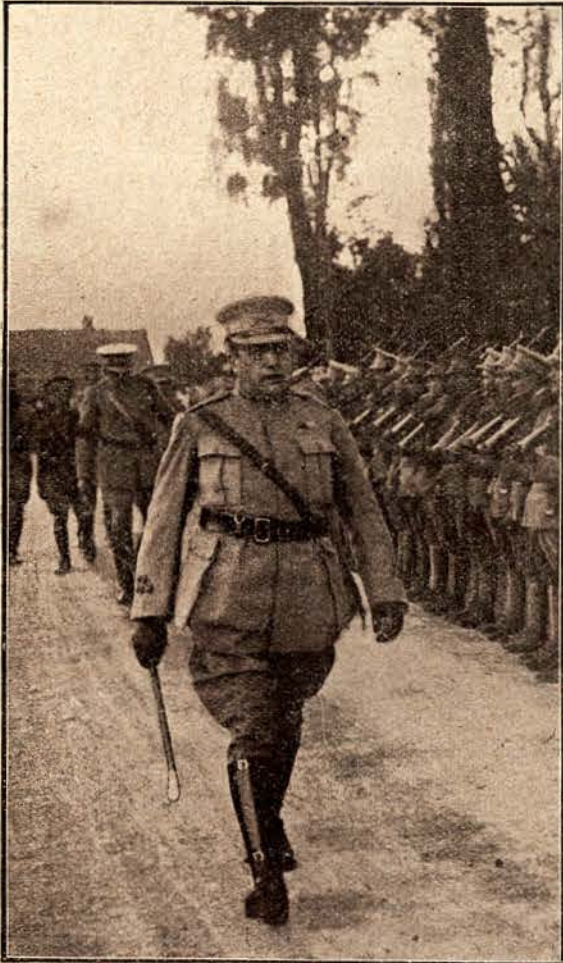
Entre outras publicações, a bella revista litteraria « La Vie », no seu ultimo numero sob o titulo « France-Portugal », consagra ás relações entre os dois paizes um bello artigo, de que traduzimos a seguinte passagem :

« Soou a hora de sairmos do nosso entorpecimento.

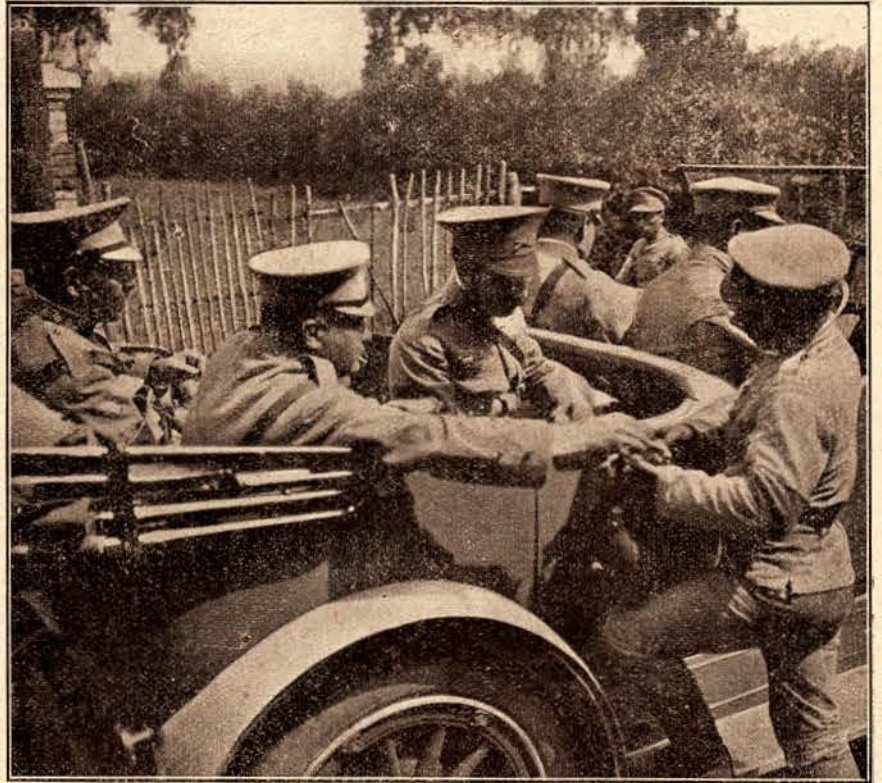
« As circumstancias a isso nos obrigam, e amanhã será já demasiado tarde.

« E' da maior importancia que testemunhem aos nossos amigos Portuguezes todo o nosso reconhecimento pelo concurso dedicado que elles nos trouxeram na presente guerra; a melhor maneira de o fazermos não será aprender primeiro a conhecê-los, trabalhando ao mesmo tempo por estreitar em todos os dominios as relações do nosso paiz com o d'elles? »

O SNR. NORTON DE MATTOS EM FRANÇA.



Passando em revista as tropas.
Passant la revue des troupes.



O Ministro da Guerra provando o pão dos soldados.
Le Ministre de la Guerre goûtant le pain des soldats.



O Ministro da Guerra nas trincheiras portuguesas.
Le Ministre de la Guerre dans les tranchées portugaises.



Visitando o museu dos Invalidos.
Visitant le musée des Invalides.



O Ministro da Guerra assiste a uma festa sportiva perto da frente. — *Le Ministre de la Guerre assiste à une fête sportive, près du front.*



Uma phase animada da lucta de tracção. — *Une phase animée de la lutte de traction.*

A necessidade do Esforço Economico

Ninguém ignora já hoje a importancia dos factores economicos que entram na presente guerra. Muitos quizeram até demonstrar que as suas causas como os seus effeitos, eram e seriam d'ordem essencialmente economica.

Em todo o caso, é indubitavel que a prosperidade dum povo depende da prosperidade do seu commercio, da sua industria e da sua agricultura, e que uma vida economica independente é a melhor garantia de liberdade e independencia d'uma nação.

A presente guerra é o preludio d'uma longa lucha economica em que os povos livres hão-de tolher as veleidades da dominação que a Allemanha pode alimentar, graças á sua supremacia commercial. Os alliados de hoje, hão-de ser alliados amanhã n'essa titanica lucha de interesses que ha-de seguir-se á guerra.

E para a Victoria final, se são precisos soldados e munições, indispensaveis serão tambem os industriaes, os commerciantes e os agricultores, emfim todas as forças productivas dum paiz que deve tomar e manter o seu lugar entre os mais.

Os soldados portugueses estão já conquistando, com o seu sangue, o direito á vida a que a Nação nunca renunciou. E' preciso agora ordenar, desenvolver e orientar o esforço economico com que Portugal ha-de contribuir para o esmagamento do abusivo poderio allemão, fazendo assim gosar ao Paiz a prosperidade a que tem direito.

O commercio de exportação portuguez tem, effectivamente, um propicio e vastissimo campo de acção deante de si. Ha seculos que o paiz não se acha numa situação internacional tão favoravel.

O nome de Portugal, é hoje pronunciado em todo o mundo como o dum amigo franco e generoso, a quem se abrem os braços desde que elle se apresenta.

Ora os productos que Portugal possui em abundancia e exporta ou pode exportar são precisamente de primeira qualidade e estimados por quantos os conhecem. Infelizmente, estes são poucos, mas depende de nós o torna-los numerosos. A França é hoje, mais do que nunca, um centro mundial onde se encontram representantes autorisados do commercio de todos os paizes. As recentes feiras de Paris, Lyon e Bordeus chamam, além d'isso, periodicamente, uma multidão de negociantes cosmopolitas.

Os productores de Portugal alliado e amigo encontram pois aqui o melhor lugar para se tornarem conhecidos os seus generos e grangearem novos mercados seguros e remuneradores.

Para os secundar, faltava-nos até agora toda a organização moderna que os outros paizes teem já ao seu serviço. Não fallamos das medidas illicitas de que se servia o commercio allemão, como o *dumping* e o estabelecimento dos cartéis, mas dos indispensaveis elementos de acção taes como camaras de commercio, organizações bancarias tratando especialfente de facilitar as transações de exportação e importação, os *comptoirs*, agencias e officios que tanto contribuem para estreitar e fecundar as relações do commercio exterior entre os paizes.

Hoje estamos autorisados a annunciar a fundação muito proxima duma Camara de Commercio Portugueza em Paris e consta-nos de fonte segura que outros organismos estão em via de formação.

Pode abrir-se para nós uma nova era de prosperidade.

A revista *Portugal na Guerra*, empenhada n'esse intuito de tamanho interesse para o Paiz, enceta desde já a publicação de secções collaboradas pelos mais distinctos especialistas, em que serão tratadas as condições do commercio portuguez no estrangeiro, e as possibilidades do seu desenvolvimento.

Numa edição especial, que será profusamente distribuida por hotéis, camaras de commercio, companhias e sociedades commerciaes e industriaes, estabelecimentos officiaes, etc., faremos, em lingua franceza, a apresentação dos productos e marcas Portuguezes, proporcionando assim aos nossos commerciantes, industriaes e agricultores o meio de se porem em contacto directo com os compradores dos mercados de quasi todo o mundo.

Estas secções, em portugues a « Vida economica » e na edição para a França e Estrangeiro « Le Portugal économique » serão o arauto de todos os interesses da Nação, servidos pelos seus productores e exportadores.

Queiram elles comprehender-nos e ajudar-nos na nossa empreza, que d'elles é, e os bons resultados não tardarão a prodi-alisar-se.

A Exportação de Vinhos para a França

A exportação dos vinhos portuguezes é de longa data um dos mais importantes elementos da riqueza nacional, sobretudo do norte do paiz.

A Inglaterra, que importava os vinhos licorosos do Douro, o universalmente conhecido « Port Wine », em avultadissimas quantidades (cerca de 600.000 de libras por anno), o Brazil e as Colonias eram os principaes consumidores dos 11 0/0 da produção normal, que exportavamos. Os outros paizes consumiam tambem, em quantidades de modo algum desprezaveis, mas immensamente inferiores. Na Allemanha, até ha pouco ainda, o *Vinho do Porto* tinha bastante procura, mas a barra do Douro pouco viu sahir com tal destino porque os bons tudescos tinham inventado uma mistella fabricada no Rheno de analoga apparencia e que lhes satisfazia o paladar pouco exigente.

A guerra, que tantas cousas mudou, veio tambem transformar os habitos do mercado de vinhos portuguezes.

Hoje, a maior parte da nossa exportação vinicola compõe-se de vinho de pasto commum, e destina-se á França, onde o consumo augmentou com as necessidades d'um grande exercito a beber. Só a Intendencia precisa de mais vinho, do que o que Portugal inteiro produz, isto sem contar o que cada soldado gasta por conta e appetite proprios, ou seja, cerca do dobro.

Ao chegar-se á vindima de 1915, que deu apenas uns 18.100.000 hectolitros, (quando a normal é de 40 milhões de Hl.) o preço duplicou e numerosos especuladores se pozeram a comprar e a vender o sumo da uva, de procedencia estrangeira. Foi então que o nosso mercado se animou de tal modo que em Portugal tambem o vinho, ao cabo de pouco tempo, dobrava de preço.

Danossa colheita, que n'esse anno fora só de 3.500.000 hectolitros, exportámos para a França quantidades serias, embora menos do que a principio se julgou.

Achamo-nos em presença de falta de material (wagons-reservatorios, cascaria, etc...) adequado ao novo trafico e essa foi uma das razões por que muitos negocios encetados não se realisaram. Outra razão foi a passividade da maioria dos viticultores. Em vez de, reunidos em syndicatos e gosando dos meios de acção e da força que podiam dar-lhes taes organizações, em vez de tratarem elles proprios com o comprador francez, crearem assim novas relações commerciaes e afirmarem o valor dos seus nomes com os seus productos, deixaram estes interesses duradoiros por qualquer ganho immediato.

Em Paris encontrámos numerosos portuguezes que vinham colocar vinhos.

Eram em geral commerciantes que desconheciam as condições do mercado, ás cegas, desconhecendo ás vezes até os proprios vinhos que vinham vender. Muitos nunca tinham tratado de semelhantes assumptos e entre estes não faltavam doutores de leis. Proprietarios de vinha, eram raros, rarissimos.

Assim é que os negocios foram por vezes tratados á tóa e, fatalmente, em detrimento dos productores portuguezes e do bom renome do mercado.

Um estrangeiro assás conhecido, que açambarcou quantidades fantasticas do nosso vinho, apesar das boas condições em que comprara, achou maneira de perder umas centenas de contos no negocio. No entanto, em 1916 chegámos a exportar a bonita somma de 10.202 contos de vinho e a maior quantidade foi para a França.

Sobrevem em Fevereiro a guerra submarina à *outrance*, a Inglaterra e a França restringem as suas importações, escasseia mais ainda o frete maritimo e os commerciantes, receiosos, deixam de comprar.

Actualmente em casa do lavrador, offerece-se o vinho á 25 \$000 a pipa e nem assim deixa o lugar á proxima colheita. Ora os numeros que são eloquentes, mostram que os lavradores não devem desesperar. A alfandega do Porto accusa, desde o começo do bloqueio dos mares pelos allemães, uma queda brusca e effectivamente inquietante: ao passo que em janeiro se exportavam 12.547 hectolitros mais do que no anno anterior, e em fevereiro a diferença entre os dois annos desaparece por assim dizer, em março a nossa exportação vem para menos de metade (32.454 hectolitros em lugar de 69.031 em 1916) com perda de mais de 500 contos e a França passa a occupar o terceiro lugar, depois do Brazil e da Inglaterra.

Mas ainda se não fizeram sentir inteiramente os effeitos da nova situação. Em abril a baixa accentua-se mais (26.319 hectolitros, em lugar de 54.723 exportados em 1916) com perda maior, e a diferença para menos vai até 47.773 hectolitros, que representam uma perda de 800 contos!

A situação pode parecer irremediavel e fazer retirar do negocio quem busque um ganho facil e prompto. Mas os lavradores e os verdadeiros commerciantes de vinhos, é que não devem desesperar. Já n'esse mez a França retoma o lugar de 1º comprador e para lá se transportam 22.000 hectolitros dos 36.500 que sahiram pela barra do Douro fóra. A alfandega de Lisboa accusa uma propoção analoga (377 contos para a França sobre o total de cerca de 500).

Enos dois mezes seguintes esta mudança confirma-se e solidifica-se. A exportação eleva-se a 59.725 Hl. em Junho, e aguenta-se em 44.252 Hl. em julho.

A França continua a receber uma quantidade animadora e até a Inglaterra recommença a abrir-nos os portos, como d'antes. Conclua-se pois que os allemães não conseguiram acabar com o trafico maritimo e que se os barcos são raros não são impossiveis de obter. A diferença de preços entre o mercado vinicola Portuguez e o Francez é enormissima (cerca de 1 para 10), e o nosso cambio ainda favorece os exportadores, que pela sua actividade bem poderiam, melhorando a sua condição, melhorar tambem as condições geraes do mercado.

AO LEITOR

Durante o lapso de tempo em que esteve suspensa a publicação da Revista « Portugal na guerra », por motivo das dificuldades materiaes quasi insuperaveis do actual momento, se experimentamos grandes contrariedades e prejuizos graves, tivemos tambem occasião de receber penhorantes provas do vivo interesse com que a nossa revista fora recebida em França.

Estes captivantes teslunhos serviram-nos de incentivo, e redobrando de esforços e sacrificios, nos decidimos a melhorar tanto quanto possivel a nossa publicação, não só sob o ponto de vista graphico, mas tambem sob o ponto de vista litterario e artistico.

O presente numero leva em hors texte a reprodução d'um bellissimo retrato a oleo do general Tamagnini, do pincel do artista portuguez Ferreira da Costa, consagrado de ha muito no Salon de Paris, bem como na capa, uma trichromia do Presidente da Republica Françeza.

Egualmente iniciamos neste numero uma secção economica, collaborada por distinctos especialistas, e que prestará valiosos serviços ás forças productivas do nosso paiz.

Tomamos tambem todas as medidas para assegurar aos nossos leitores uma reportagem photographica abundante e preciosa, assim como contamos com a collaboraçãõ artistica dum novel pintor portuguez que, actualmente junto das nossas tropas, nos enviará os seus flagrantes croquis.

A seguir reproduzimos com a devida venia as seguintes referencias ao Portugal na guerra :

La Revue :

« Nous saluons, avec joie, la naissance d'un nouveau périodique portugais illustré : *Portugal na Guerra* qui se présente sous d'heureux auspices, et qui aura la portée d'une profession de foi... »

...« *Le Portugal na Guerra* est dirigé par Augusto Pina, un grand artiste portugais dont l'éloge n'est plus à faire. »

Excelsior :

« Les troupes portugaises, qui sont en ligne depuis quelque temps déjà, avaient hier les honneurs du « communiqué »... »

...« Nous avons vu, à ce sujet, les milieux les plus directement renseignés et, entre autres personnalités, M. Augusto Pina, l'artiste bien connu, qui vient de fonder la revue de propagande *Portugal na Guerra*, et à l'obligeance de qui nous devons les documents photographiques que nous publions. »

Je vous remercie infiniment de l'envoi de votre beau périodique. Il se présente admirablement bien et se distingue d'une façon très avantageuse de tous les périodiques similaires créés depuis la guerre.

JEAN FINOT.

Je suis heureux de saisir cette occasion de vous féliciter de la publication que vous poursuivez. Le Portugal a un intérêt historique à conserver vivant le souvenir de sa participation à la guerre. Ce sera un monument qui intéressera certainement les générations actuelles, mais dont la valeur augmentera avec le temps et se classera comme le témoignage vivant des grands événements qui se sont passés dans le monde.

JULES GODIN,

Ancien sénateur, ancien ministre.

Aussi bien, m'a-t-il été particulièrement précieux de prendre connaissance de votre splendide revue consacrée à l'armée portugaise : *Portugal na Guerra*.

Les deux numéros que vous m'avez fait si généreusement parvenir vont me permettre d'écrire en l'honneur du combattant lusitanien une étude que je préméditais depuis quelque temps et qui aura pour but de lui faire rendre complète justice.

Je ne manquerai point de signaler dans ma prochaine chronique trimestrielle du *Mercure de France*, votre captivante publication et votre belle initiative.

Un vieil ami du Portugal,
PHILIAS LEBESGUE.



O alferes de artilharia Snr. Vasco de Menezes

Actualidades

O alferes de artilharia Snr. Vasco de Menezes, filho do Snr. Dr. João de Menezes, foi victima dum lamentavel accidente : quando, em junho d'este anno, se faziam experiencias de granadas, na base das operações do Corpo Expedicionario Portuguez em França, a explosão dum d'aquelles engenhos attingiu-o com varios estilhaços, um dos quaes lhe arrebatou quatro dedos da mão esquerda.

A sua primeira ideia ao ver-se ferido revela-nos bem o moral do valoroso moço. Quando o mandavam para o hospital, elle todo ensanguentado, pergunta ancioso :

— Meu coronel, mas eu continuo no meu regimento, eu volto para a frente.

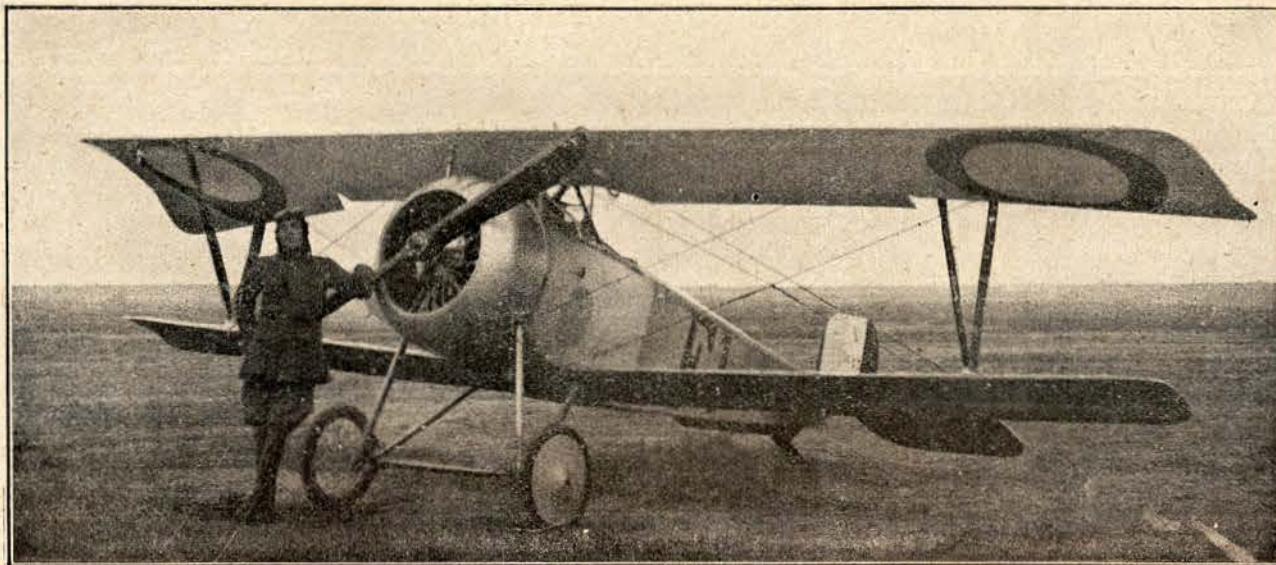
O Snr. Vasco de Menezes tratado primeiro no hospital de Boulogne, esteve depois em Paris, no Val-de-Grâce e encontra-se hoje em via de restabelecimento.

□ ◻ ◻ ◻

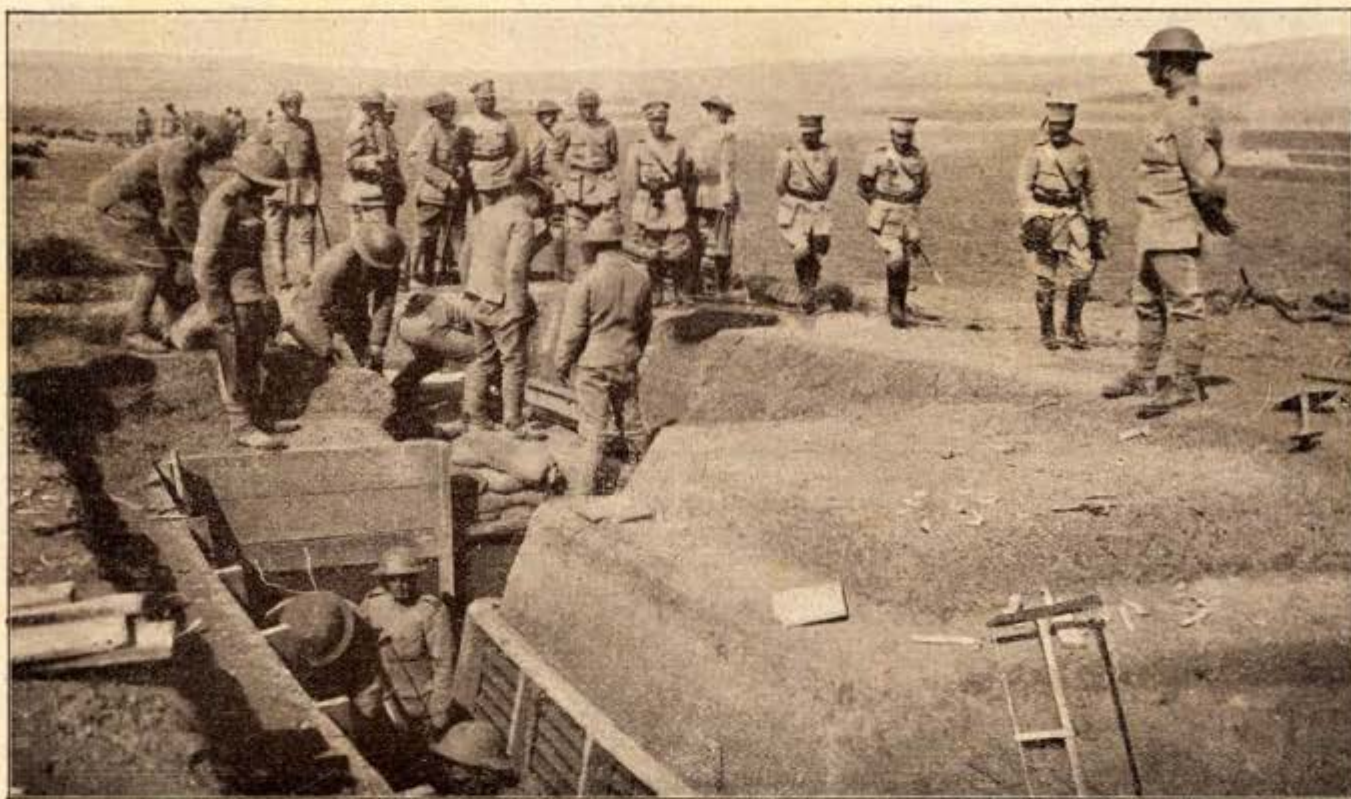
O snr. tenente Oscar Monteiro Torres, chefe da 1ª Missão de Aviação que sahiu de Portugal em janeiro d'este anno, depois de ter feito, junto do «Royal Flying Corps», a aprendizagem de piloto, passou ao serviço da aviação de caça.

Para isso frequentou as escolas francezas da especialidade, das quaes acaba de sahir, com excellentes classificações, nomeadamente das escolas de acrobacia de Pau e de Cazaux.

A convite de Guynemer, vae entrar na sua esquadilha.



O tenente piloto aviador Snr. MONTEIRO TORRES, na escola de Pau.



O sub-chefe do Estado Maior do C. E. P., Snr. major Ferreira Martins, visitando a instrução de sapadores.
Le sous-chef de l'Etat Major du C. E. P., le commandant Ferreira Martins, visitant l'instruction des sapeurs.



O campo de instrução dos sapadores de infantaria portuguesa. — *Le camp d'instruction des sapeurs d'infanterie portugaise.*

Comptoir General de Commission

PARIS — 222, Boulevard Saint-Germain — PARIS

CASA DE CONFIANÇA

□ □ □

PEÇAM-SE CONDIÇÕES

Encarrega-se de toda a especie de compras e vendas na Europa, mediante uma comissão modica. A sua Clientela, já numerosa e escolhida, augmenta de dia para dia pela diligencia e honradez com que é servida.

TYPOGRAPHIA ARTISTICA "LUX"

TRABALHOS ESMERADISSIMOS DE GRANDE LUXO

IMPRESSÃO DE TRICHROMIA

ESTA CASA RECEBE NUMEROSAS ENCOMENDAS DA EUROPA E DA AMERICA LATINA

REVISTAS, LIVROS, CATALOGOS E ESTAMPAS

COMPÕE EM TODAS AS LINGUAS

ENVIAM-SE ORÇAMENTOS A QUEM OS PEDIR

131, Boul. St. Michel, PARIS

Casa Editorial Franco-Ibero-Americana

222, Boulevard Saint-Germain — PARIS

Esta casa é vantajosamente conhecida pela esmerada apresentação das suas obras, tanto sob o ponto de vista litterario como artistico e typographico

SECÇÃO PORTUGUEZA

SERIE HISTORICA ILLUSTRADA

Napoleão intimo
Napoleão Imperador
Napoleão na península Iberica
Napoleão pelo seu creado particular

A morte de Napoleão
Memorias secretas da Corte da Russia
Elba e os cem dias
Napoleão em Santa Helena

A queda da Águia
De moço de cozinha a Comendador
A Corte de Luiz Quinze
Maria Luiza Intima

Brochadâs, 2 fr. ; encadernação flexivel, 3 fr.

Os Grandes Mestres da Litteratura

SCENAS DA VIDA BOHEMIA | O DISCIPULO
Henri MURGER | Paul BOURGET
WILHELM MEISTER, GETHE
Brochados, 3.50 ; encadernação flexivel, 4.50

AUTORES ESCOLHIDOS

A Cidade dos Suicidas | A Exilada por Pierre LOTI
por Muñoz ESCAMEZ | O Meu Irmão Yves por P. LOTI
O Deserto | Marinheiro por Pierre LOTI
por Pierre LOTI |
Brochados, 2 fr. ; encadernação flexivel, 3 fr.

Collecção de Romances Mysteriosos

O cadaver assassino | A mão errante | A carta sangrenta
O enigma do comboio nº 13 (2 tomos) | O automovel vermelho
O solar enfeitado (2 tomos) | A estrella de seis raios
O segredo do Dr Ram Moraley
Preço, 1 fr.

Pequenas Historias para Creanças

O Autor da Muralha | Mania dos Bonecos
Ambição e Trabalho | Concilio das Flores | Cidade da Fortuna
Homen da Nariganga | Guerra de Ratazanas
Aventuras Maravilhosas de D. Pimpão
Preço, 0 fr. 10

Ernesto SENA, do *Jornal do Comercio* : **Historia e Historias**. — Brochado, 2 fr.

OS GRANDES PINTORES

OS VAN EYCK, TICIANO, LEONARDO VINCI, VAN DYCK, RUBENS, VELASQUEZ, MURILLO, RAPHAEL, BOTICELLI

Encadernados, 3 fr.

Cada volume publica a biographia dum grande mestre e oito reproduções em cores das suas principaes obras

ENVIAM-SE O CATALOGO A QUEM O PEDIR

The Inter-Lube Chemical Company

CLEVELAND OHIO (U. S. A.)

Agencia Geral e Concessionarios para toda a Europa

41, B^d des Capucines, 41

PARIS

Téléphone : CENTRAL 74-40

⁄ ⁄ ⁄ ⁄ ⁄

O

"INTER-LUBE"

(Marca registada)

:: :: Recente Invenção americana :: ::

ECONOMISA A GAZOLINA E O PETROLEO

mistura-se na gazolina diminuindo de 30 0/0 o seu consumo

ASSEGURA UMA LUBRIFICAÇÃO

COMPLETA AO MOTOR ECONOMISANDO 30 0/0 D'OLEO

ELIMINA A CALAMINE DOS CYLINDROS

E É TÃO INOFENSIVO AO MOTOR COMO A PROPRIA GAZOLINA

São estes os resultados authenticos certificados pelo
Laboratoire d'Essais du Conservatoire National des Arts et Métiers
(Ministère du Commerce, de l'Industrie, des Postes et des Télégraphes)
FRANCE

..... Em organização : **Sociedade Portuguesa do INTER-LUBE**

PARA FABRICO E EXPORTAÇÃO